

Senado: PDS rompe obstrução

Liderança do Governo leva a plenário 33 senadores e vence o bloqueio da Oposição à pauta

Depois de 45 dias, o partido do Governo conseguiu ontem colocar 33 senadores em plenário e desobstruir a Ordem do Dia do Senado, na mais longa e disputada sessão dos últimos anos. A reunião foi caracterizada pela opção do PDS em rejeitar o projeto do senador Humberto Lucena (PMDB-PB) que regulamenta as coligações partidárias -, voltando atrás de um compromisso já assumido e reiterado por duas vezes pelo líder Nilo Coelho com a liderança do PMDB e do PP. Segundo o vice-líder do Governo, esta determinação de romper o acordo foi uma exigência do Palácio do Planalto, que não admitia a obstrução da Oposição, a instituição das coligações, e o fato de o PDS possuir maioria e não trazê-la ao plenário.

A Oposição esgotou todos os recursos possíveis e imagináveis na tentativa de vencer o PDS pelo cansaço e manter a obstrução, mas todas as manobras esbarraram na maioria que o partido do Governo possui no Senado. Ao comunicar, na hora da votação, que sua bancada não aceitava mais aprovar o projeto do senador Lucena, o líder do Governo "caiu no descrédito" para a Oposição. "Há instantes em que a liderança não pode ser desacreditada, sob pena de isso depor contra a seriedade desta Casa", sentenciou Marcos Freire, salientando que "amanhã será muito difícil para nós acreditar nas propostas do PDS".

Depois de oito horas de sessão, esgotados todos os recursos, a Oposição ainda tentou o último cartucho de resistência. Um por um, os senadores da Minoria pediram a palavra para encaminhar a votação. Era a demonstração final de "lição democrática" que a Oposição pretendia dar ao Governo, como disse Gilvan Rocha, e o alerta que a obstrução vai continuar nos próximos dias. Ontem, dos 36 senadores do Governo, não compareceram José Sarney, presidente do partido (em viagem a Nova Iorque), Gabriel Hermes, (em tratamento médico na Espanha) e Hugo Ramos (preferiu ficar no Rio de Janeiro).

VELHOS TEMPOS

"O Senado voltou a viver os velhos e bons tempos do Rio de Janeiro", definiu o senador Dirceu Cardoso, precisamente, o que foi a sessão de ontem. De fato, há muitos anos não se via uma oposição tão combativa, uma Minoria tão insistente em querer prolongar a sessão para vencer a Maioria pelo cansaço, bem como há muito tempo não se via uma Maioria decidida a vencer a obstrução "custe o que custar, prolongue-se a sessão até a hora que necessário", como bem disse, numa posição de firmeza, a liderança do Governo.

Cerca de 50 questões de ordem foram levantadas, mais de 10 votações dessas questões e de requerimentos diversos foram realizadas, por quatro vezes o processo eletrônico de votação entrou em pane, por três vezes se repetiram os escrutínios. O presidente da Casa, Jarbas Passarinho, manteve-se imparcial durante todo o tempo, não permitindo que qualquer dúvida pairasse sobre sua autoridade, bem como qualquer ato que pudesse ligar sua atuação com sua condição de membro e ex-líder do PDS.

Pacientemente, Passarinho prorrogou a sessão por oito horas, suspendeu a sessão noturna conjunta do Congresso, atendeu de boa vontade todas as questões levantadas pela Oposição, fez piadas com o senador Dirceu Cardoso para amenizar a tensão, requereu a taquigrafia para dissipar dúvidas, e solicitou documentos ao computador para comprovar a veracidade da votação.

Durante a tensão, os senadores do Governo chegaram até a esquecer o nome dos colegas. Logo no primeiro escrutínio, ao notarem que faltava um parlamentar, começaram a chamar por "aquele cara de Goiás". Era o senador Benedito Ferreira que tinha ido tomar um café.

A todo momento, grupos de senadores do PMDB e do PP se reuniam para procurar um novo motivo para prolongar a sessão. Qualquer item ou dúvida dentro do Regimento Interno era motivo para se levantar uma questão de ordem, discutida por mais de meia hora. Até mesmo com o processo de votação eletrônica do Senado se gastou mais de uma hora, quando se votava um requeri-

mento do Governo, porque apresentou o nome do suplente de senador José Caixeta, e não está mais em exercício.



Marcos Freire e Nilo Coelho travaram longo duelo



Somente no início da sessão, a Oposição apresentou 12 requerimentos para inverter a Ordem do Dia, o que significava, no mínimo, 60 pronunciamentos de 10 minutos e 12 votações nominais. Ao notar a manobra, a liderança do PDS rejeitou o primeiro e apresentou um outro assegurando a votação da pauta sem modificações, anulando os 11 restantes. Este requerimento, apresentado pelo vice-líder Murilo Badaró, foi motivo de quase duas horas de discussão, pois a Oposição entendeu que o Regimento Interno não permitia que se apresentasse tal expediente.

Em seguida, o senador Henrique Santilló (PMDB-GO) apresentou dois novos requerimentos tentando anular o requerimento do senador Badaró, motivando outros 40 minutos de debates sobre a jurisdição da questão. O presidente Passarinho teimou em indeferir os dois partidos da Oposição, fato que levou o senador Humberto Lucena a duvidar de sua autoridade e pedir que o plenário decidisse. Outra votação e, como esperado, a Maioria manteve a palavra de Passarinho, para uma hora depois duvidar da solução que o presidente do Senado dera sobre uma Questão de Ordem do PDS, colocando, por sua vez, a matéria para o plenário decidir. Já cansado, o vice-líder situacionista Aloysio Chaves desabafou: "O regimento do Senado facilita o ato da obstrução".

GOLPE BRANCO

A resistência da Oposição começou com o líder do PMDB, Marcos Freire, afirmando ter a impressão de que a bancada do Governo estava "tramando um verdadeiro golpe branco" contra a liderança do senador Nilo Coelho. Em seguida, acusou o vice-líder situacionista José Lins de ser o culpado e de tentar superar o líder Nilo Coelho.

É que na manhã de ontem, repetindo o que fez antes de viajar para a Alemanha, o líder situacionista Nilo Coelho reiterou o pacto com a Oposição, garantindo que o PDS, em nome do Palácio do Planalto, revelaria no dia 30 de junho as regras do jogo eleitoral para 1982 e que concordava em aprovar o projeto de coligações do senador Lucena, desde que os partidos oposicionistas desobstruíssem a pauta.

A tarde, na hora da votação, Nilo Coelho comunicou às Oposições que a sua bancada não mais concordava em aprovar as coligações, Marcos Freire protestou então contra a falta de palavra ou representatividade do líder do Governo, que se dispôs a negociar com a Oposição. Esta se comprometeu publicamente em desobstruir os trabalhos, e a bancada do Governo voltou atrás depois de tudo combinado. Disse também que a partir de então a palavra do líder do Governo não merecia mais credibilidade.

Todos os senadores do Governo ficaram abismados com a revelação do senador Marcos Freire, porque não sabiam, como revelou o senador

Aderbal Jurema, que o acordo estava desfeito. Ansiosamente esperada, a resposta do líder Nilo Coelho surpreendeu tanto a sua bancada como a da Oposição. Sustentava a promessa de revelar as regras do jogo no final de junho, mas entendia, por outro lado, que não poderia mais manter o pacto firmado com o PMDB e o PP. "O consenso do Partido acha que a Maioria tem 34 votos e deve, neste instante, acabar aqui com o projeto do senador Lucena", tachou Nilo Coelho, observando ser o seu partido contra as coligações, mas assegurando, em nova promessa, que a matéria seria tratada juntamente com o restante das reformas eleitorais, num só pacote. E fulminou, em tom de voz caracterizado de machista pelo senador Itamar Franco: "Maioria não discute o processo da obstrução, Maioria vota".

PDS OBSTRUÍU TAMBÉM

Mas não foi só a Oposição que obstruiu a Ordem do Dia. Como ficou revelado ontem, certos parlamentares do PDS aproveitaram a obstrução para negociar vantagens para sua região eleitoral. O senador Vicente Vuolo, do PDS mato-grossense, disse aos jornalistas que somente concordou em comparecer ao plenário para votar, inclusive nos dias que estava presente em seu gabinete, depois que o Ministério do Transportes assegurasse a construção de uma ponte ferroviária, ligando o Mato Grosso a São Paulo, uma antiga reivindicação da região. "Sou um político, e devo aproveitar as oportunidades políticas", confessou.